



História (São Paulo)

ISSN: 0101-9074

revistahistoria@unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

Rolim CAPELATO, Maria Helena

Ensaio latino-americanos: "caráter nacional" e construção de estereótipos

História (São Paulo), vol. 32, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 162-174

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221027940010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ensaio latino-americano: “caráter nacional” e construção de estereótipos

Latin American Essays: “National Character” and the Construction of Stereotypes

Maria Helena Rolim CAPELATO*

Resumo: O artigo se refere à questão do “caráter nacional” amplamente discutida por intelectuais latino-americanos entre as décadas de 1930-50. Procuro analisar ensaios produzidos por autores que, nesse período, demonstraram grande interesse pelo tema. Busco identificar em suas obras aspectos que contribuíram para a formação de mitos e tipos nacionais estereotipados. Essas obras tiveram grande repercussão nacional e continental na época em que foram publicados e até hoje os traços do caráter nacional apresentados nos ensaios que analiso continuam sendo mencionados como se tivessem base científica. Tento mostrar os preconceitos resultantes dessas caracterizações, que continuam vivas nos imaginários sociais, servindo de justificativa para formas diversas de intolerância.

Palavras-chave: América Latina; intelectuais; identidade nacional; estereótipo.

Abstract: This article concerns the question of “national character”, widely discussed by Latin American intellectuals from the 1930s to the 1950s. I seek to analyze the essays produced by authors who showed great interest in this theme during this period. I attempt to identify aspects in their works that contributed to the formation of stereotypical myths and national types. These works had great national and continental repercussions at the time they were published, and, until today, the national character traits presented in the essays I analyze continue to be mentioned as if they had a scientific basis. I try to show the prejudices that have resulted from these characterizations and that remain alive in the social imagination, serving as a justification for various forms of intolerance.

Keywords: Latin America; intellectuals; national identity; stereotypes.

Neste texto, pretendo analisar o significado das representações produzidas por intelectuais latino-americanos, entre as décadas de 1930-50, que se dedicaram à elaboração de ensaios voltados para a análise dos traços característicos do “ser nacional” em seus respectivos países.¹

* Departamento de História – FFLCH – USP, Cidade Universitária. E-mail: flh@usp.br; mhcapelato@terra.com.br

Procuro analisar as representações sobre identidade nacional expressas nos ensaios produzidos por intelectuais de prestígio no período que escreveram obras até hoje considerados de grande valor literário.

Cabe esclarecer que os ensaios objetos desta reflexão tinham como característica comum a preocupação com relação aos problemas das sociedades em que viviam e também a tentativa de refletir sobre eles com o intuito de indicar soluções capazes de resolvê-los. Os “males nacionais” eram vistos como heranças do passado que impediram a formação de uma identidade nacional autêntica.

Valendo-se das ferramentas de áreas novas do conhecimento (antropologia cultural, sociologia, filosofia, psicologia social e psicanálise), procuravam interpretar a realidade nacional a partir de perspectivas distintas daquelas que prevaleciam até então, fundamentadas no determinismo evolucionista de caráter racial.

No entanto, como procurarei mostrar, as concepções expressas nos textos, caracterizam-se por forte conteúdo ideológico marcado por explicações binárias e maniqueístas que deram ensejo a preconceitos e estereótipos justificados a partir da criação de mitos e tipos nacionais estereotipados. As representações da identidade nacional, construídas a partir desses elementos, tiveram forte penetração nas sociedades da época e continuam vivas nos imaginários sociais até os dias de hoje servindo de argumento para depreciar ou enaltecer indivíduos ou grupos sociais.

Chamo a atenção, neste texto, para alguns aspectos dessas representações relacionadas ao tema do caráter nacional, escritos pelos seguintes autores: Eduardo Mallea e Ezequiel Martínez Estrada (argentinos), Samuel Ramos e Octávio Paz (mexicanos), Gilberto Freyre (brasileiro). Seus escritos, repletos de metáforas, elemento próprio da narrativa ensaística, apresentavam ao leitor um retrato pessimista da sociedade da época.

A preocupação com as identidades nacionais data do século XIX, mas os estudos sobre o “caráter nacional” proliferaram a partir do período entre guerras. Até então, grande parte dos intelectuais latino-americanos circulavam pela Europa e valorizavam as ideias europeias; no entanto, as decepções com relação ao “velho mundo” abalado pelos resquícios da I Grande Guerra, provocaram uma mudança de perspectiva no sentido de vislumbrar na América possibilidades de construção de um “mundo novo”. Foi nessa conjuntura que surgiu o interesse pela construção de identidades nacionais originais; essa mudança de perspectiva explica o fortalecimento de ideologias nacionalistas através das quais foram criticadas as ideias e modelos importados da Europa no momento de formação das nações latino-americanas.

Os autores objetos desta análise partiam do pressuposto de que as nações latino-americanas tinham produzido identidades falsas porque imitadas ou copiadas dos europeus. Neste sentido,

atribuíam para si a missão de revelar as identidades autênticas encobertas através de “máscaras” ou “véus”, expressões usadas com muita frequência pelos autores dos ensaios.

Eles criticavam as ideias e instituições importadas da Europa (liberalismo inglês, iluminismo francês, materialismo econômico fruto do capitalismo) por terem provocado inversão dos valores autóctones. No que se refere, especificamente, às identidades nacionais, responsabilizavam, tanto a herança colonial ibérica, como a introdução da modernidade e modernização europeia que, segundo a maioria deles, causaram deformações no caráter nacional.

Para melhor compreensão da análise aqui proposta, optei por dividir a exposição em duas partes. A primeira se refere a críticas feitas à introdução de ideias da modernidade e à modernização, com ênfase nos aspectos urbanos. A segunda aborda preconceitos e estereótipos relacionados a imagens, tanto negativas como positivas, criadas sobre o mundo urbano ou rural e personagens que faziam parte deles.

I - A modernização e as representações sobre a Metrópole

O autor argentino Adrián Gorelik, salienta a importância dos ensaios escritos, tanto na Europa como na América Latina, que apresentam indagações sobre o significado da Metrópole. Eles se destacam, segundo o autor, por revelar afinidades entre um modo de *pensamento figural*, como o proporcionado pelo ensaio, e uma realidade material, como a da cidade com suas configurações simbólicas por meio das quais é possível interrogar os fatos sociais relacionados às grandes Metrópoles modernas. (GORELIK, p. 1)

No caso da América Latina, a Metrópole passou a ser vista como produto nefasto do processo de modernização iniciado nas últimas décadas do século XIX.

A grande maioria dos autores mencionados fez críticas, em maior ou menor grau, não à modernização, mas também à modernidade. Dois deles se destacaram pelas críticas exacerbadas em relação às consequências dos processos de modernização: urbanização acelerada e desorganizada que provocou mudanças sociais negativas. Refiro-me aos argentinos Eduardo Mallea e Ezequiel Martínez Estrada, procurando mostrar como seus ensaios apresentavam imagens negativas e estereotipadas, tanto em relação ao espaço urbano como às características de seus novos habitantes.

É importante esclarecer que os dois primeiros autores tinham afinidades ideológicas, partilhavam a mesma nacionalidade e produziram ensaios em momentos próximos, ou seja, num mesmo contexto histórico: a Argentina dos anos 1930. Já o segundo, embora apresente reflexões sobre um mesmo tema – as consequências da modernização nas grandes cidades – suas concepções ideológicas eram bem distintas e a análise se refere à conjuntura peruana dos anos 1960. Neste

caso, chamaremos a atenção, tanto para aspectos comuns como para os específicos, que podem ser atribuídos tanto a especificidades nacionais como temporais.

1) Eduardo Mallea

Eduardo Mallea publicou *História de una pasión argentina* em 1938, numa conjuntura de crise muito profunda marcada pelo fim de um tempo de prosperidade no qual a Argentina se destacara entre os países mais desenvolvidos do mundo. A crise de 1929 abalou a economia do país com reflexos na sociedade e na política; tal situação resultou em forte reação nacionalista e exacerbação dos conflitos sociais que se manifestaram na esfera pública.

O autor era descendente de uma tradicional família da oligarquia decadente. Nasceu e cresceu no interior pampeano, mas deslocou-se para Buenos Aires na adolescência. Segundo afirmações suas, a mudança foi traumática devido ao enorme contraste entre dois mundos tão diversos.

A modernização urbana transformara a cidade numa grande Metrópole cosmopolita, povoada por estrangeiros que produziram a “mescla de razas”.

Mallea, como outros representantes das correntes nacionalistas, que tiveram experiência similar, iniciou sua atividade literária integrado nessa corrente. Todos eles reagiam contra a modernização, responsável pela vinda de imigrantes que, segundo os nacionalistas, abalara a identidade nacional.

O autor condenou, em suas obras, a importação de valores materialistas burgueses frutos da modernidade e a modernização que provocara crescimento urbano desordenado. Buenos Aires era o alvo principal de sua indignação porque se transformara na cidade símbolo do progresso material e da mentalidade utilitarista, racionalista e individualista.

Dentre o conjunto de transformações consideradas negativas, considerou que o maior dos males do país advinha das levadas sucessivas de imigrantes. Referiu-se a eles nos seguintes termos:

[...] foram esses contingentes vindos de fora, das sociedades marcadas pela pobreza, desordem moral e pela ambição desmedida, os que pronunciaram pela primeira vez a palavra riqueza, como um grito de guerra [...] Como nada de benéfico trouxeram para o ‘Novo Mundo’, ao invés de contribuírem para fundamentar uma nacionalidade harmônica, provocaram a degeneração espiritual, intelectual e moral dos argentinos, reproduzindo, na ‘boa e nova’ América, o mal que trouxeram do ‘Velho Mundo’ degenerado em decorrência da ameaça da multidão e domínio da técnica (MALLEA, 1938, p. 85).

Seguindo na trilha do pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, autor de *A rebelião das massas*, menosprezou as “massas” [imigrantes] como incapazes de produzir cultura já

que sabiam, apenas, manejar a técnica de forma reprodutiva e mecânica. Neste sentido, referiu-se aos imigrantes como “massa obscena”, que produzia em seu espírito “desencanto” e “asco”. Ainda segundo o autor, os estrangeiros haviam produzido a “mescla de razas” responsável pelo enfraquecimento das “raízes nacionais”. O desenraizamento, por sua vez, deformara a identidade nacional.

O progresso material, segundo Mallea, substituíra a cultura, fruto de uma criação baseada em valores tradicionais, pela técnica, repetição mecânica, voltada para o acúmulo de riqueza, objetivo maior dos homens de mentalidade utilitarista.

2) Ezequiel Martínez Estrada

Seu contrerrâneo, Ezequiel Martinez Estrada, apresentou impressão similar sobre Buenos Aires em dois ensaios *Radiografia de la Pampa* (1933) e *La cabeza de Goliat* (1940), nos quais expôs uma visão negativa em relação à Metrópole.

As concepções sobre Buenos Aires, a protagonista nos dois ensaios, não se modificaram significativamente.

Embora filho de imigrantes, Ezequiel Martinez Estrada participou da cultura oficial e se integrou no círculo dos argentinos descendentes das famílias tradicionais decadentes, razão pela qual cultuavam o passado e hostilizavam os imigrantes.

Como Eduardo Mallea, também era crítico da modernização considerada “artificial e referia-se a Buenos Aires como “cidade-nação” frente a qual o “interior” tornara-se insignificante.

O crescimento monstruoso de Buenos Aires, segundo Martínez Estrada, tornara o interior dependente da Metrópole. Cada arranha-céu que se levantava tornava mais pobre, mais ignorante, mais improdutivo o pedaço de terra abandonado nas províncias. Em consequência disto, segundo o autor, ocorrera uma separação entre as coisas materiais e os bens espirituais, entre alma e corpo, havendo um déficit moral em relação ao superávit material. Após elencar aspectos das atividades econômicas, políticas e culturais, afirmou que o nível moral e intelectual nunca alcançara uma baixa igual. Referia-se a “[...] uma depravação política sem antecedentes, entrosamento entre governo e multidões ignorantes, egoístas, fanáticas”, que haviam posto abaixo a democracia. E conclui: “[...] o que chamávamos barbárie não havia desaparecido, mas se refugiado em zonas neutras esperando o momento propício” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1946, p. 236-237; 238-239).

Reconhecia a perda da importância do mundo rural em relação ao urbano, mas o considerava o guardião da autenticidade: o interior era autêntico porque representava a realidade, enquanto Buenos Aires era uma “ilusão”, ou seja, falsamente europeia.

O autor desqualificava Buenos Aires, referindo-se a ela como “casa de jogo”, lugar de dissolução dos costumes onde “a mulher e o homem podem se entregar a todas as aventuras ” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1942, p. 200-1).

Ao questionar o crescimento de Buenos Aires às expensas do resto do país, afirmou:

Buenos Aires é uma grande máquina, que absorve brutal e cegamente a riqueza do interior, [...] devora pressupostos fantásticos, e come, como todo gigante, pela boca de sua cabeça cortada. Alimenta-se da miséria e do atraso, da ignorância e da solidão. Buenos Aires é um muro no horizonte urbano, impedindo que se olhe o interior (EZEQUIEL MARTINEZ, 1983, p. 84 apud GORELIK, 2009, p. 3).

O autor de *Radiografia de la Pampa* responsabilizava a modernidade e a modernização pela obstrução do desenvolvimento orgânico da nacionalidade em benefício da exploração da nação.

Na sua obra *Cabeza de Goliath*, publicada na década seguinte, o tema da imigração reaparece e continua fazendo parte do repertório dos males nacionais. No entanto, há uma mudança que merece destaque. Na obra anterior, referiu-se à “promiscuidade” causada por argentinos que se misturavam com a “escória” trazida dos países europeus (GORELIK, 2009, p. 6). Dez anos depois, reiterou sua opinião sobre os imigrantes, referindo-se a eles como “estrangeiros utilitaristas que têm a aspiração de hóspede e não ama o país” (GORELIK, 2009, p. 6).

II - Os tipos nacionais e a criação de estereótipos

Procurarei analisar, neste item, as representações do caráter nacional que contribuíram para a construção de tipos nacionais estereotipados. As figuras do “roto” chileno, do “pelado” e do “ser hermético” mexicanos, da “mulata sensual” brasileira, que foram criadas a partir das análises de intelectuais dos respectivos países.

1) O roto chileno

Esse personagem chileno surgiu como expressão da mestiçagem a partir das análises de vários autores que se preocuparam em discutir o tema tomando por base as teorias racistas em voga a partir do final do séc. XIX e início do séc. XX.

As opiniões sobre o mestiço divergiam: para uns, a mestiçagem denegria a raça, para outros a revigorara como mostra Horácio Gutierrez.

O autor Nicolás Palácios, em sua principal obra *Raza Chilena* (1904) defendeu a mestiçagem e exaltou a figura do “roto” identificado com as classes populares menosprezadas pela oligarquia dominante: o autor que simpatizava com o movimento operário nascente, o considerava protótipo do trabalhador chileno.

Já Francisco A. Encina, considerado principal historiador chileno do século XX, produtor de uma obra monumental sobre *História do Chile* em 20 volumes, (escritos entre 1940-1952), considerava a pedra angular da história chilena a peculiaridade étnica de seu povo, muito diferente do restante da América. Embora se inspirasse nas análises étnicas de Nicolas Palácios, valorizava a participação da raça branca na formação da psicologia do povo chileno e considerava que a mestiçagem com a população indígena corromperia a energia vital trazida pelo elemento superior. Segundo Gutierrez, suas opiniões a respeito do tema contribuíram para a divulgação da imagem do “roto” com sentido pejorativo (GUTIERREZ, 2008, p. 111).

O “roto” chileno também foi enaltecido por outros autores como Roberto Hernández (1929) e Luis Durant (1941), mas também celebrado na poesia popular e nas artes plásticas. Nesse período, a tese do mestiço degenerado, propalada na passagem do século passou a conviver com a exaltação da mestiçagem chilena. Ainda segundo Gutierrez, o “roto” primitivo criado por Encina, começou a ser valorizado. Sua imagem ganhou duplo sentido: figura maltrapilha que maculava a imagem da nação e figura valente/viril, símbolo da nacionalidade (GUTIERREZ, 2008, p.112).

Roberto Hernández, autor de *El roto chileno*, obra considerada por Gutierrez como um “hino em louvor ao personagem mestiço”, também foi definida por ele como expressão de uma legítima peça de invenção das tradições. Hernández procura mostrar que o “roto” não surgiu como figura representativa dos trabalhadores das minas porque sua imagem fora criada no período colonial, a partir da “Guerra de Arauco”, sendo, portanto, expressão da “herança araucana varonil dos aborígenas”. Atribui a origem de sua figura ao poema épico *La Araucana* escrito no século XVI por Alonso Ercilla. Na verdade, este autor descreveu os índios araucanos e não o “roto”.

Nicolás Palácios, que inspirara Encina, ao contrário deste, defendia a mestiçagem e exaltava a figura do roto identificado com as classes populares menosprezadas pela oligarquia dominante: o autor o considerava protótipo do trabalhador chileno.

Luis Durand, romancista consagrado, publicou, na Coleção *Presencia de Chile*, de 1942, a obra *Apreciación del roto* no qual exaltou o personagem. O autor lamentava que o conceito tivesse se degradado passando a representar “maus costumes e piores hábitos”. Com o objetivo de reparar esse erro, retomou sua história identificando-a com a das classes populares.

Nessa mesma época, Orestes Plath, também saiu em defesa do “roto”. No artigo “Epopeya del roto chileno”, publicado em 1957 na Coletânea *Autoretrato de Chile*, definiu-o como “selo da chilenidade” e procurou compreendê-lo a partir do meio físico em que atuava. Concluiu que, como

a geografia do Chile tinha características muito variadas, ela gerou vários tipos de “roto”. Assim como Durand, Plath se contrapôs à aceção corrente do “roto” como pessoa vulgar, maltrapilha e procurou reforçar seus valores positivos a partir de sua identificação com o povo, ou mais especificamente, com as classes trabalhadoras.

O crítico literário Raúl Silva Castro também investiu contra as imagens injuriosas representativas do “roto”. Em texto de 1941 (publicado, posteriormente, na coletânea *Estampas y ensayos*) fez a crítica da caricatura de um personagem chamado “Verdejo”, nova versão do “roto”, que circulava em revista cômica de grande aceitação popular.

“Verdejo” era representado como um homem magro, baixinho, boca desdentada, roupas remendadas, chapéu furado, linguagem chula e desprovido de educação, mas simpático e divertido. Alguns autores protestaram contra a criação infame e ofensiva e nociva do povo chileno porque se tratava de um personagem que fomentava o complexo de inferioridade entre os chilenos.

Como mostra Horácio Gutierrez, os esforços desses autores foram em vão porque o roto continua presente na sociedade chilena até os dias de hoje em peças de teatro, em músicas “cuecas”, em cartazes de publicidade, em quadrinhos cômicos e sempre de maneira polêmica, ora enaltecido ora depreciado.²

2) O “pelado” mexicano

Samuel Ramos em sua obra *El perfil del ombre y la cultura en Mexico* (1934) se deteve na análise da psicologia mestiça, apontando-a como um dos traços mais negativos do caráter nacional mexicano. O autor afirmava não crer nas teorias raciais, pois a biologia provaria que essas teses não tinham base científica; no entanto, considerava que a psicologia social era capaz de desvendar verdades sobre as raças e suas mesclas.

Apoiado nessa “nova ciência” dirigiu sua atenção para o “pelado”, figura representativa da mestiçagem, era identificado como um pária social, que vivia nas margens da grande Metrópole, a cidade do México.

Ramos carregou nas tintas ao descrever o “pelado”. O autor se referiu ao “pelado” como o melhor exemplo para o estudo do caráter nacional. Ele foi descrito nos seguintes termos:

Ostenta, cinicamente, certos impulsos elementares que outros homens procuram dissimular. Pertence a uma fauna social de categoria ínfima [...]. Na hierarquia econômica é menos do que o proletário e na hierarquia intelectual, um primitivo. [...]. É um ser de natureza explosiva, de trato perigoso [...] É um animal que se entrega a pantomimas de ferocidade para assustar os demais e parecer mais forte e

decidido. Tais reações são um disfarce ilusório de sua situação na vida real, que é a de um zero à esquerda.

O pelado foi descrito, também, como expressão do machismo mexicano. Segundo Samuel Ramos, em sua linguagem abundavam alusões sexuais reveladoras de “uma obsessão fálica, nascida para considerar o órgão sexual como símbolo da força masculina”. No entanto, segundo o autor, o “pelado não era, nem um homem forte, nem um homem valente. A fisionomia que nos mostra é falsa.” A partir dessas considerações, concluiu que “o pelado” tinha duas personalidades: uma real (oculta) e outra fictícia (aparente), diametralmente oposta à verdadeira. A dupla personalidade, ainda de acordo com as análises de Ramos, constituía um ardil para ocultar seus sentimentos de inferioridade (RAMOS, 1990, p. 52-57).

O “pelado” se apresentava no “teatro de carpa”, teatro popular apresentado na periferia da cidade do México. Esta atividade cultural acabou se consagrando como “símbolo nacional”, sobretudo a partir do momento em que se torna personagem do cinema na figura de Cantinflas, interpretada pelo ator e diretor de cinema Mario Moreno.

Consagrado, nacional e internacionalmente, Moreno iniciou sua formação artística ligada ao teatro de carpa que representava o “pelado” tipo nacional até então desqualificado a partir das representações construídas por Ramos. Posteriormente, o sucesso do personagem no cinema provocou uma inversão de sentido na representação do “pelado”: associado à figura de Cantinflas, transformou-se no “peladito” que encantou as plateias de cinema.

Maurício Bragança realizou uma análise comparada de Cantinflas e Mazzaropi, apontando similaridades entre dois tipos sociais que eles representam: “peladito” mexicano e o “Jeca Tatu” brasileiro. Segundo o autor, Mario Moreno transformou o pelado em um peladito, menos agressivo e mais pícaro, burlesco, cômico, irrequieto e questionador, que conseguia grande empatia com o público das camadas populares porque representava um personagem marginal do mundo urbano, que servia como contraponto ao projeto desenvolvimentista dos anos 1940-50. (BRAGANÇA, 2003, p. 7)

Apesar das diferenças entre o “pelado” de Samuel Ramos e o “peladito” (Cantinflas), essas figuras representativas de setores populares mexicanos, foram construídas de forma estereotipada e, como tal, continuam presentes no imaginário coletivo mexicano até os dias de hoje.

Ainda com relação ao México, cabe mencionar algumas interpretações de Octávio Paz que também se preocupou em decifrar o caráter nacional mexicano.

3) O mexicano e suas máscaras

Os ensaios que compõem a obra *Labirinto da solidão* de Octávio Paz, publicada em 1950, apresentam reflexões do autor em torno do “ser mexicano”. Publicada em 1950, ou seja, num momento em que já eram visíveis os resultados da Revolução. A partir da tese de que havia ainda “um México enterrado, porém vivo”, procurou decifrar os sinais do passado que acreditava responsáveis por deformações do caráter nacional.

Referiu-se ao mexicano como um ser que se fechava e se preserva através de máscaras. Havia, segundo Paz, uma muralha invisível entre a realidade e o “mexicano”, razão pela qual ele sempre estava longe do mundo, dos outros e de si mesmo. Abrir-se com alguém representava fraqueza ou traição.

O hermetismo era, portanto, um dos traços do “ser mexicano” a ser desvendado. Procurou explicar o que ele entendia como um comportamento defensivo, usando metáforas relacionadas à condição feminina, decorrente da cultura machista predominante no país.

Procurou explicar a razões pelas quais se atribuía inferioridade às mulheres e, neste sentido concluiu que o sexo feminino simbolizado pela “abertura” era associado a uma ferida exposta. Já o macho, representado como um ser hermético, era desconfiado em relação ao meio em que vivia, segundo o autor. O hermetismo, que também explicava o machismo, era atribuído à história mexicana e ao caráter da sociedade decorrente dela.

O autor se referia à simulação e dissimulação como traços característicos da “mexicanidade”: simular significava aparentar, mas dissimular, segundo Paz, exigia maior sutileza, pois quem dissimula não representa, quer se tornar invisível, passar despercebido.

Neste caso, levantou a hipótese de que a dissimulação que caracterizava uma sociedade predominantemente indígena, era decorrente da Conquista e da Colonização: na condição de dominado, o índio se valeu da dissimulação e do mimetismo como subterfúgios para a sobrevivência. A partir dessa ideia, concluiu que o índio, nesse processo mimético, acabou se fundindo à paisagem e tanto dissimulou a sua singularidade que acabou por aboli-la. Tal atitude foi interpretada por Paz como defesa contra o colonizador e suas armas de dominação.

Tais condições explicavam as razões pelas quais o “ser mexicano” se valia de máscaras para ocultar sua verdadeira essência. Octávio Paz entendia as máscaras como responsáveis pelo ocultamento da essência do ser nacional que ele considerava um dos grandes males da identidade nacional. A “inautenticidade” era considerada, por ele e outros intelectuais latino-americanos de sua época, como obstáculo que impedia a sociedade de encarar seus problemas e, em decorrência disso, não encontrar meios para resolvê-los.

Tais perspectivas de análise sobre o caráter nacional já foram totalmente refutadas, no entanto, os vestígios das representações identitárias continuam evidentes: os mexicanos continuam sendo definidos, de forma estereotipada, como herméticos, dissimulados e falsos. Esses

estereótipos ainda povoam o imaginário nacional e foram incorporados também pelos estrangeiros.

4) A “mulata brasileira” como símbolo da nacionalidade

Gilberto Freyre, ao contrário dos demais autores mencionados, criou mitos e estereótipos nacionais mas com sentido positivo.

O autor de *Casa Grande & Senzala* e outras importantes obras, criou o mito das três raças que, como afirma Renato Ortiz, encobre conflitos raciais na medida em que se refere à igualdade entre as raças.

Ao explicar a formação da sociedade brasileira, o autor definiu o equilíbrio racial, social e cultural como suas características básicas; neste sentido, enfatizou a aproximação entre senhores e escravos, brancos, negros e mestiços. Atribuiu o equilíbrio e harmonia social à plasticidade do português, de origem ibérica.

Como os ibéricos tinham sido formados a partir da mescla de diversas etnias (judeus, romanos, mouros), essa formação heterogênea tornara possível a miscigenação. Além disso, a colonização portuguesa tivera bons resultados graças ao catolicismo lírico e à moral sexual frouxa dos portugueses.

A partir desses argumentos relacionados à integração de povos diversos, Gilberto Freyre justificou, não só a sociedade patriarcal, como também a escravidão que, segundo ele fora imposta pelo “meio e pelas circunstâncias”.

Devido à capacidade de harmonização dos contrastes, os portugueses tornaram possível a aproximação entre as diferentes raças. E tal explicação também servia para justificar a capacidade da sociedade colonial portuguesa de resistir aos obstáculos e realizar uma obra de colonização ímpar. A partir desse arrazoado, o autor também concluía que a relação entre senhor e escravo era harmoniosa. Neste sentido, afirmou que o escravo no Brasil, não era marginalizado como nas demais sociedades escravocratas e, ao contrário, exercera papel civilizador através da absorção, no seio da Casa Grande, da cultura africana. Foi a partir dessa percepção da inter-relação positiva entre as raças que o autor construiu o conceito de “democracia racial” que está na base da definição do “caráter nacional” brasileiro.

As teses de Gilberto Freyre contribuíram para a construção do mito da democracia racial. A representação da mulata sensual e fagueira é produto desse mito que a transformou em ícone da brasilidade. O autor inventou a “mulata” como fruto das “relações harmoniosas” entre o senhor branco e a escrava negra.

A mulata, figura estereotipada se integra num retrato do “Brasil tropical” que até hoje é produzido, tanto para consumo interno como externo. Sua figura decantada em “prosa e verso”, através da literatura, da música, da dança, da pintura, das mídias e da publicidade comercial, a distingue entre todas as mulheres, tanto por suas qualidades positivas como negativas.

Admirada ou repudiada, a imagem da mulata geralmente aparece associada a adjetivos que sugerem sensualidade ou aspectos pejorativos relacionados à “moral” convencional.

A propósito do estereótipo relacionado à mulata, menciono um comentário da monja budista brasileira de nome Cohen que, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, salientou os seguintes aspectos positivos da cultura brasileira:

“Nossa sexualidade mais exacerbada nos levou a uma miscigenação mais fácil [...]”. E, além desse traço positivo do caráter nacional, referiu-se a outro, relacionado ao mito da passividade do povo brasileiro, quando afirmou: “somos um povo da paz”.

Como se pode notar, a “democracia racial” e o “espírito pacífico” continuam sendo alardeados como motivo de orgulho para os brasileiros. Mitos e estereótipos surgiram a partir de interpretações sobre o Brasil feitas por intelectuais reconhecidos; ideias que foram elaboradas numa determinada conjuntura do passado e acabaram sendo incorporadas pelo senso comum como verdades incontestes.

Considerações Finais

O tema da “identidade nacional” tem sido amplamente debatido e questionado nas últimas décadas. Leyla Perrone-Moisés em sua obra *Vira e mexe nacionalismo. Paradoxos do nacionalismo literário*, afirma que a identidade nacional definida pelos parâmetros aqui apresentados tende sempre a ressurgir, ainda que de formas distintas, porque as identidades não são originais nem imutáveis. Elas ressurgem, sobretudo, através de mitos e tipos nacionais criados no passado, mas que ainda circulam no presente, apresentando variações próprias das mudanças de conjuntura histórica e também de acordo com os objetivos e interesses de quem os manipula.

Finalmente, cabe observar que os tipos nacionais ou os que representam grupos de natureza diversa, mesmo quando são acionados com a intenção de provocar o “riso”, não são anódinos ou inocentes porque eles mobilizam estereótipos que estimulam preconceitos, reforçando sentimentos e atitudes de intolerância.

Referências Bibliográficas

GORELİK, A. A Buenos Aires de Ezequiel Martínez Estrada. **Tempo social**, São Paulo, n. 2, v. 21, p. 35-59, 2009.

MALLEA, E. **Historia de una pasión argentina**. Buenos Aires: Ediciones Anaconda, 1938.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. **Radiografía de la pampa**. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 1942.

BRAGANÇA, Maurício. **Cantinflas e Mazzaropi**: um peladito e um caipira no descompasso do bolero e do samba. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, 2003.

GUTIÉRREZ, Horácio. Exaltación del mestizo: La invención del roto chileno. **Revista Universum. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales**. Universidad de Chile, Talca, 25, v. 1, p. 122-139, 2010.

PAZ, Octavio. **Labirinto da Solidão e Post-scriptum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 51. ed., São Paulo: Editora Global, 2006.

¹ Este texto é resultado de um projeto mais amplo no qual analiso autores latino-americanos que produziram ensaios sobre o “caráter nacional”, procurando mostrar a circulação de ideias entre eles. O projeto tem como título “Circulação de ideias e caráter nacional na América Latina (1930-1950)”.

² As referências sobre o “roto” foram retiradas de textos de autoria de Horácio Gutierrez, mencionados no final.

Recebido em maio/2013.
Aprovado em junho/2013.